



A tecnologia da cestaria entre os Xikrin-Kayapó

FABÍOLA ANDRÉA SILVA

Os Xikrin utilizam uma grande variabilidade de recursos vegetais para a elaboração de sua cultura material, sendo que determinadas famílias de plantas são intensamente utilizadas. Este é o caso das palmeiras, empregadas tanto na cobertura das estruturas em geral como na elaboração de uma grande diversidade de artefatos e adornos de uso cotidiano e ritual. A importância das palmeiras na vida dos Xikrin pode ser verificada, inclusive, em sua mitologia¹ e não foi sem razão que René Fuerst (1970) definiu esta população como “uma civilização da palmeira”, tendo em vista que a cestaria ocupa um papel de destaque no seu conjunto artefactual e é amplamente empregada em suas atividades cotidianas. Além disso, a sua produção e uso também expressam os princípios da organização social, da cosmologia e da noção de pessoa Xikrin.

A cestaria dos Xikrin do Cateté

Como observou van Velthem (1998:19), o termo cestaria costuma ser empregado para definir “tanto uma técnica artesanal como um conjunto de objetos produzidos de acordo com essa técnica”. Assim, são agrupados nes-

1. Na mitologia dos Mebêngôkre (Kayapó), em geral, as palmeiras aparecem de forma destacada e são referenciadas de diferentes formas: como alimento, como matéria-prima utilizada para confeccionar objetos ou como um recurso para restabelecer a integridade corporal dos indivíduos (Lukesch, 1976). No mito que trata da descida dos homens do céu para ocupar a terra é justamente uma floresta de buritis, a primeira coisa a ser avistada pelos índios, através do buraco feito pelo tatu no céu. Uma versão deste mito foi coletada por Vidal (1977:206) entre os Xikrin.



FIGURA 40 Cesto ká no jaka (Acervo Fabíola Silva).

ta categoria artefatos que têm como característica comum o fato de terem sido produzidos com fibras (não fiadas) de diferentes materiais (rígidos ou semirrígidos), sem o auxílio de dispositivos de tensão, moldura ou tear (Adovasio, 1977:1; Ribeiro, 1985:18-21; Leroi-Gourhan, 1984:196-203; O’Neale, 1987:323-325).

É importante ressaltar que esta categoria, na maioria das vezes, não é reconhecida pelas populações indígenas, cujas classificações dos objetos trançados ocorre de diferentes formas. Entre os Xikrin não há um conjunto específico de artefatos trançados classificados nesta categoria. Todos os objetos materiais por eles produzidos são denominados *kukràdjà* e, conforme foi demonstrado em outros trabalhos, esta noção está relacionada à ideia de propriedade, de conhecimento e de herança (Vidal, 1977; Gianinni, 1991; Fisher, 1996; Silva, 2000; Gordon, 2003). No que se refere aos objetos trançados, estes são definidos pelos Xikrin como *me kuni kukràdjà*, ou seja, objetos que pertencem a todos². Assim, todos são indistintamente classificados

2. Alguns informantes ressaltam, porém, que adornos corporais como braçadeiras e cintos e alguns motivos trançados agregados aos cestos bolsiformes não são propriedades de todos, mas pertencem a indivíduos específicos que os receberam como herança de seus *ngét* (avô ou tio materno).

e diferenciados entre si de acordo com a matéria-prima, forma, tipo de trançado e uso. Na maioria das vezes, porém, esta diferenciação é realizada a partir da comparação de algum destes elementos e não do seu conjunto³.

Descrição da cestaria xikrin

A cestaria xikrin foi estudada inicialmente por Protásio Frikel quando ele esteve na aldeia do Cateté, nos anos de 1962 e 1963. Naquela ocasião, seu objetivo inicial era investigar “a inter-relação e interdependência dos níveis econômicos e sociais: como, por exemplo, funcionavam a caça, a pesca, a coleta, a agricultura e o incipiente extrativismo em relação ao indivíduo, à família nuclear e extensa, e ao grupo em sua totalidade” (Frikel, 1968:3). Devido às circunstâncias em que encontrou o grupo em 1963, este objetivo inicial foi abandonado e ele, então, dedicou-se ao estudo da cultura material, subsistência e aspectos da vida social e ritual. O resultado desta investigação foi publicado, em 1968, no trabalho “*Os Xikrin (Equipamento e Técnicas de Subsistência)*”, em que o autor descreve aspectos do ambiente e do modo de vida, bem como dos objetos materiais utilizados nas tarefas cotidianas e na vida ritual.

Entre os Xikrin, a cestaria é produzida predominantemente com fibras oriundas das espécies de palmeiras como o babaçu, o açai, a bacaba, o tucum e o buriti. Alguns poucos objetos, porém, são confeccionados com fibras de raízes e taboca – neste caso trata-se de objetos feitos com trançado marchetado como, por exemplo, braçadeiras, braceletes, enfeites de borduna e arcos.

3. Os Xikrin podem diferenciar dois cestos entre si em função, por exemplo, da forma e do uso, embora as matérias-primas e os tipos de trançado sejam os mesmos nos dois artefatos. Ou, ainda, simplesmente pela forma ou pelo trançado.

Dentre as técnicas de trançado eles utilizam “o trançado quadriculado xadrezado” (Ribeiro, 1985: 44) aplicado na confecção da esteira de casal (*kupip*) (PRANCHA 22), nas cestinhas abertas (*pêjajê*) (PRANCHA 67) e nos cestos cargueiros (*kà no jakà, kà no ôtyk e kà kakô nhipôn*) (FIGURAS 40, 41, 42). O “trançado cruzado em diagonal ou sarjado” (*idem*: 47) aplicado na confecção das bolsas *mokà* (PRANCHA 68), *kajngre* (PRANCHA 69), *kà'ê tyk, rara* (PRANCHA 70), esteira (*rojti ô*), cestos-cargueiros *kà kumrenx* (PRANCHA 71), *kà no jakà, kà no ôtyk, pàtkôj e kà kakô nhipôn*, no espremedor de farinha *krin'ô* (PRANCHA 73), na tipoia (*a'inh*) (PRANCHA 47), nas máscaras *bô, kùkôj e pàt*, abanador *kuê kabere djà*, cinto (*me'ãpre djà*) (PRANCHA 41) e bonecos (*mekaron*) (PRANCHA 62) E “o trançado dobrado” (*ibidem*) aplicado na confecção de um tipo de estojo *waraba'ê* (PRANCHA 74).

Os cestos cargueiros são classificados pelos Xikrin a partir de dois termos: *kaj* e *kà*⁴. O primeiro é utilizado para definir genericamente qualquer tipo de cesto e o segundo é utilizado para identificar exclusivamente aqueles produzidos com determinadas folhas de palmeira. Estes se dividem em diferentes tipos e de acordo com a tecnologia de produção que, por sua vez, pode ser de curadoria ou expediente.

Em termos de definição, uma tecnologia de curadoria é aquela empregada na produção de itens materiais cuja manufatura e uso são previamente planejados. Ela implica uma manufatura elaborada, bem como a obtenção antecipada e o preparo da matéria-prima – o que resolve problemas relativos à aquisição de recursos sazonais ou móveis. Os artefatos produzidos através deste tipo de tecnologia podem ser usados para cumprir várias tarefas e, dado o esforço despendido na sua elaboração, eles

4. A palavra *kaj* vem, provavelmente, de *kajby* (verbo tecer, trançar). Já a palavra *kà* significa pele, couro, roupa, enfim, invólucro ou “continente”, em geral.



FIGURA 41 Cesto *kà no ôtyk* (Acervo Fabíola Silva).



FIGURA 42 Cesto *kà kakô nhipôn* (Acervo Fabíola Silva).

podem ser reciclados para serem usados em atividades diferentes daquelas planejadas para o seu uso inicial, bem como, transportados de um local para outro, guardados e estocados. Ou seja, teriam uma vida útil e eficiência maiores do que aqueles produzidos por uma tecnologia expediente. Além disso, este tipo de tecnologia leva à realização de atividades encaixadas⁵, dada a necessidade de pla-

5. Pode-se entender “atividades encaixadas” como sendo um conjunto de atividades que ocorrem em associação umas com as outras. Por exemplo, quando os indivíduos saem para caçar eles podem, paralelamente, coletar matéria-prima necessária para a confecção de um artefato (Binford, 1979).

nejamento no que se refere à obtenção da matéria-prima e ao tempo necessário para a manufatura dos artefatos (Binford, 1983).

Uma tecnologia expediente, por outro lado, é empregada na produção de itens materiais cuja manufatura e uso serão ditados conforme as necessidades momentâneas. Trata-se de uma tecnologia que implica pouco esforço e tempo de trabalho, inclusive no que se refere à aquisição da matéria-prima. Ela está intimamente relacionada com a disponibilidade de acesso às matérias-primas, pois as atividades de manufatura ocorrem nos locais onde elas estão disponíveis e não envolve prévia preparação das mesmas. Além disso, os artefatos produzidos a partir de uma tecnologia expediente, normalmente, não são guardados, sendo descartados logo após o uso (Binford, 1983; Bamforth, 1986).

A cestaria expediente dos Xikrin-Kayapó

Entre os Xikrin, a cestaria expediente é abundante e utilizada na realização de uma série de tarefas diárias. Todos os cestos são classificados e a manufatura e uso destes itens são determinados pelas necessidades do momento. O descarte é feito, na maioria das vezes, imediatamente após o uso, sendo que as áreas de descarte em volta da aldeia apresentam abundância de vestígios de palha oriundos da decomposição natural dos mesmos. A cestaria expediente é feita a partir de dois tipos de trançados: trançado cruzado quadriculado ou xadrezado (Ribeiro, 1985:44) e trançado cruzado em diagonal ou sarjado (*idem*:46).

No caso Xikrin, o trançado xadrezado é feito de acordo com a variante apresentada por Ribeiro (*idem*:45), em que a intercepção dos elementos “é feita diagonalmente formando ângulos obtusos e agudos”. Eles denominam este trançado de *o'yry kṛā* (fazer/trançar curto), que pode ser realizado tanto na vertical como na diagonal.

No trançado cruzado em diagonal ou sarjado a intercepção dos elementos é feita perpassando “dois ou mais elementos da urdidura segundo a fórmula 2/2, 3/3 etc., alternando-se em cada carreira as talas (folíolos) a serem levantadas” (*idem*, 46). Os Xikrin chamam este trançado de *o'yry jabjê* (fazer/trançar longo), havendo duas variantes: *o'yry jabjê oḡapa* (fazer longo; deitado) e *o'yry jabjê kâjmā yry djari* (fazer longo; para cima, em pé).

O processo de produção dos cestos expedientes

O processo de produção dos cestos expedientes é realizado em uma cadeia operatória bastante simples que, em certos aspectos, se repete para os diferentes tipos, e que leva em média de 10 a 20 minutos para ser executada. As matérias-primas empregadas nesta cestaria são as folhas do babaçu (*rôn ô*), da bacaba (*kamêre*) e do açaí (*kamêre ka'ak*) utilizadas para confeccionar a estrutura dos cestos e diferentes espécies de enviras e cipós para fazer as amarrações e alças. Dentre as palmeiras, o babaçu e a bacaba costumam ser empregados para confeccionar os cestos denominados *kâ kakô nhipônḡ*, *kâ te'y*, *kâ no ôtyk* e *âkṛā djuapu*⁶. Este último pode, também, ser confeccionado com a folha do açaí que, por sua vez, é a matéria-prima exclusivamente empregada na confecção do cesto denominado *pâtḡj*⁷. Os cestos denominados *kâ no ipôk*, *kâ no jaḡa* e *kâ no jaḡa kâjmā yry djari*⁸ são feitos exclusivamente com a folha nova da palmeira babaçu. As enviras e cipós são escolhidos, de forma mais aleatória, para

6. *kâ* = cesto; *kakô* = raque da palmeira; *nhipônḡ* = repartido, cortado ao meio; *kâ* = cesto, *te'y* = ponta, ferrão; *no* = olho, *ô* = palha, *tyk* = preto (*no ô* = cílio, folhagem); *âkṛā* = cabeça, *djuapu* = cobrir, embrulhar, cobertura.

7. *pât* = tamanduá, *kôj* = mesma altura, proporção, coluna.

8. *kâ* = cesto, *no* = olho, *nhipôk* = centro; *kâ* = cesto, *no* = olho, *ô* = palha (*no ô* = folhagem, folhas, 'cílios'), *jaḡa* = branco; *kâj imā* = para cima, *yry* = fazer, trançar, *djari* = colocar em pé.



FIGURA 43 Produção de cesto expediente por Kengore Xikrin (Acervo Fabíola Silva).

a confecção das alças e amarrações. Porém, as espécies mais frequentemente empregadas são aquelas pertencentes às famílias das *leguminosas*, *bignoniaceas* e *annonaceas*⁹.

Praticamente todos os cestos expedientes são produzidos a partir dos mesmos tipos de trançados. Além disso, os seus nomes estão relacionados, principalmente, aos diferentes tipos de matérias-primas empregadas na sua elaboração. É isto, juntamente com a finalidade ou uso, que os diferencia entre si. Na coleção Xikrin do MAE-USP não há exemplar deste tipo de cesto. Isto se deve ao fato de o descarte ocorrer imediatamente após a utilização, aliado ao

9. Outras espécies também são empregadas, porém, com menor frequência.

fato de a sua matéria-prima ser altamente perecível. Além disso, seu valor estético é pouco relevante para os Xikrin (FIGURA 43).

A cestaria de curadoria dos Xikrin-Kayapó

Na cestaria xikrin, o cesto-cargueiro denominado *kà kumrenx*¹⁰ (PRANCHA 71) é o cesto mais resistente. O fato característico de sua manufatura é a necessidade da prévia esquematização da produção, o planejamento para a obtenção, estocagem e preparo das matérias-primas e o grau de dificuldade de elaboração. Por ser muito durável, ele dificilmente aparece nas áreas de descarte da aldeia.

10. *Kà* = cesto, *kumrenx* = verdadeiro, genuíno.



FIGURA 44 Produção de cesto *kà kumrenx* por Bep Krokroti (Acervo Fabiola Silva).

Além disso, o *kà kumrenx* pode ser produzido em dois tamanhos: grande, com uma altura variando entre 35 e 30 centímetros e um diâmetro de borda em torno de 25 centímetros; e pequeno, com uma altura variando entre os 25 e 22 centímetros e um diâmetro de borda em torno de 17 centímetros. Os menores são destinados às crianças e jovens e os maiores às mulheres adultas.

A confecção deste cesto envolve uma cadeia operatória mais longa que a dos cestos expedientes e pode levar até 10 horas para ser totalmente realizada. Além disso, o prévio preparo das matérias-primas e a elaboração dos acabamentos do *kà kumrenx* transformam a produção deste cesto em uma tarefa de maior concentração por parte do artesão. A confecção do fundo do cesto é considerada pelos Xikrin

a etapa mais difícil de toda a sequência operatória, e é aquela que eles levam mais tempo para aprender e cujo resultado pode ser sempre diferenciado de cesto para cesto. Esta diferenciação, no entanto, não se constitui em uma marca precisa de identificação do artesão, pois um mesmo indivíduo pode confeccionar dois cestos e ambos apresentarem pequenas variações entre si, no que se refere ao acabamento do fundo. De qualquer modo, o acabamento do cesto *kà kumrenx* é sempre um elemento que gera variabilidade neste conjunto de artefatos.

No que se refere às técnicas de trançado, porém, ele é confeccionado a partir das mesmas variantes utilizadas na cestaria expediente, ou seja, da combinação das variantes do trançado sarjado *o'yry jabjê okapa* e *o'yry jabjê kàjmā yry djari*.



FIGURA 45 Produção de cesto kâ kumrenx por Bep Krokroti (Acervo Fabíola Silva).

O cesto *kâ kumrenx* é feito exclusivamente da folha nova da palmeira babaçu e são necessários dois limbos para a sua confecção. Estes, depois de coletados devem ser postos para secar durante um dia e só então preparados para serem tramados. Este cesto apresenta, também, detalhes de acabamento na borda feitos com a casca da raiz de uma espécie da família das *araceas* (*bâj kâ kumrenx/cipó ambé*) e uma alça de envira retirada de uma espécie arbórea da família das *bignoniaceas* (*roj tyk*). As amarrações e costuras do cesto são feitas com fios de algodão que podem ser industrializados ou fornecidos pelas mulheres e, eventualmente, com a envira da embaúba (*djudjê kumrenx*) que também é obtida pelos homens em suas incursões pela mata.

Para os Xikrin, o cesto *kâ kumrenx* é concebi-

do como um corpo e é dividido em cinco partes: *nhi'nua* ≈ palavra que se refere ao fundo, incluindo-se os quatro cantos ou quinas; *tedjô* ≈ fundo do cesto ou nádegas; *ãnhkwa* ≈ borda do cesto ou boca; *ibum* ≈ parte de trás ou costas; *õnkre* ≈ parte da frente ou parte frontal do pescoço (ou garganta). A sua decoração, conseqüentemente, segue as mesmas características daquela elaborada no corpo humano (FIGURA 44).

Assim, na parte relacionada aos “olhos” que fica na parte frontal do *kâ kumrenx*, e é demarcada pela envira, aplica-se o motivo decorativo feito com a pintura de urucum. Este tem o nome de *abu no ôk*¹¹

11. *abu* ou *jabu* ≈ pendurar; enfeite pingente de três pontas, *no* ≈ olho, *ôk* ≈ pintura (*no'ôk* é um desenho feito no rosto).

que, conforme demonstrou Vidal (1992) é a pintura do rosto. Quando esta pintura é feita de urucum, os Xikrin se referem a ela como *py no ôk*, aplicando-a, sempre, com o dedo ou com a palma da mão. Além de pintar o cesto, o artesão também coloca um enfeite frontal que eles denominam de *noj'jabubjà*¹². Este é semelhante ao adorno corporal denominado *aķokakô jabudjà* (tembetá) que é colocado abaixo do lábio inferior dos meninos.

Finalmente, para completar a decoração, as costuras com fios de algodão que prendem a envira nas laterais do cesto devem ser deixadas longas, pois são as braçadeiras do mesmo, ou seja, os *padjê*, um tipo de adorno corporal feito de fios de algodão. As costuras, por sua vez, podem ser feitas com fios de algodão pretos ou vermelhos, dependendo de a quem se destina o cesto. Os pretos costumam ser utilizados para os cestos das mulheres adultas e os vermelhos para os das meninas e jovens sem filhos.

É importante salientar que a decoração do cesto *kà kumrenx* nem sempre é feita da mesma maneira. Alguns aspectos podem ser modificados pelos artesãos. Estes podem, por exemplo, pintar não apenas a parte frontal da palha, mas também, a própria envira com a tinta do urucum. Além disso, o enfeite frontal pode ser elaborado apenas com fios de algodão ou acrescido de sementes e penas (FIGURA 45).

Como se pode perceber, a produção do *kà kumrenx* difere em muitos aspectos da produção dos cestos expedientes. Embora a matéria-prima empregada e as técnicas de trançado sejam as mesmas, na confecção do *kà kumrenx* a cadeia operatória é mais longa, a matéria-prima passa sempre por uma preparação anterior e os trançados são sempre combinados de uma mesma forma. Mas, a principal diferença entre ele e os cestos expedientes

12. *noj* = entre os olhos, *jabudjà* = enfeite de três pontas que fica entre (os olhos)

reside no fato do *kà kumrenx* ser concebido como um corpo e ser decorado de forma a reproduzir a decoração corporal.

Esse aspecto faz lembrar o trabalho de van Velthem (1995:63), onde a autora mostra que, entre os Wayana, produzir objetos é reproduzir “os corpos ou outros elementos existentes nos tempos primevos”. A diferença, porém, é que para os Wayana os modelos de corpos a serem reproduzidos são os de um “ente arquetípico” (*idem*, 64), enquanto para os Xikrin, os modelos são os seus próprios corpos.

A relação da cestaria com o corpo humano fica ainda mais evidente se considerarmos outros cestos de curadoria como, por exemplo, os cestos bolsiformes denominados *mokà* e *ķajngre*.

Ambos são produzidos com as folhas novas das palmeiras tucum e buriti, sendo que esta última tem se tornado de difícil obtenção pelos Xikrin, o que vem reduzindo a sua utilização. Da mesma forma que o *kà kumrenx*, a produção destes cestos requer um prévio planejamento para a obtenção e preparo da matéria-prima. Tanto o tucum quanto o buriti devem ser coletados com antecedência e seus folíolos devem ser destacados das raques e postos para secar à sombra durante dois ou três dias a fim de serem posteriormente tramados. A confecção destes cestos bolsiformes, porém é mais simples e rápida que a do *kà kumrenx*.

O *mokà* (PRANCHA 76) é dividido em quatro partes que, da mesma forma como no *kà kumrenx*, estão relacionadas ao corpo humano: *tedjô* ≈ fundo do cesto ou nádegas; *ānhkwa* ≈ borda abertura interna do cesto ou boca; *ibum* ≈ parte de trás ou costas; *ōnhké* ≈ parte da frente ou parte frontal do pescoço (garganta). A decoração é feita com tinta de urucum e são aplicados motivos da pintura corporal como, por exemplo, o *wewenoti* (borboleta de olho grande) e o *abu nó ôk* (pintura de rosto), também aplicado no *kà kumrenx*. O primeiro costuma



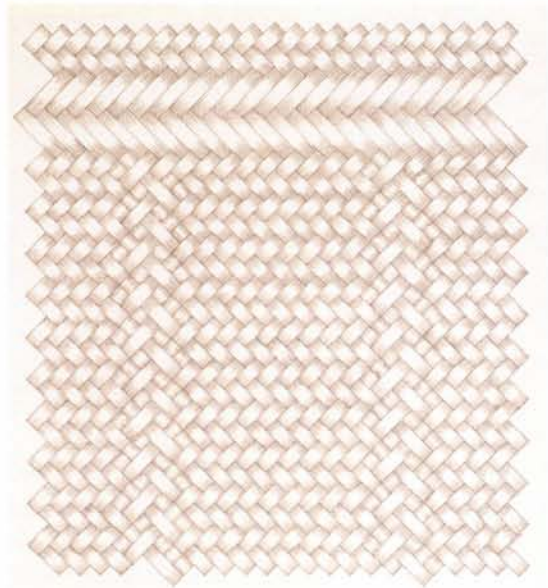
PRANCHAS 77
MOKÀ (77)

FIGURA 46 Desenho com detalhe do trançado (C. Cheng).

ser aplicado nas laterais do *mokà* e o segundo, na parte frontal do mesmo.

O *kajngre* (PRANCHA 77) é formado a partir de uma peça única que será dobrada e costurada nas laterais. A alça é feita de envira de embaúba, presa a partir do seu entrançamento com os folíolos da parte superior do cesto. Para os Xikrin, o *kajngre* tem boca, mas não tem lado da frente nem detrás, é inteiro (*tuk nhi*). Por isso, pode ser pintado com os motivos em urucum *abu no ôk* e *wewenoti*, nos dois lados. Estes aparecem dispostos da mesma maneira como no *mokà*.

Tanto no *mokà* quanto no *kajngre* podem aparecer detalhes decorativos trançados no próprio corpo do cesto. Eu registrei dois trançados deste tipo denominados de *ô'abi pānh* (palha cruzada) ou

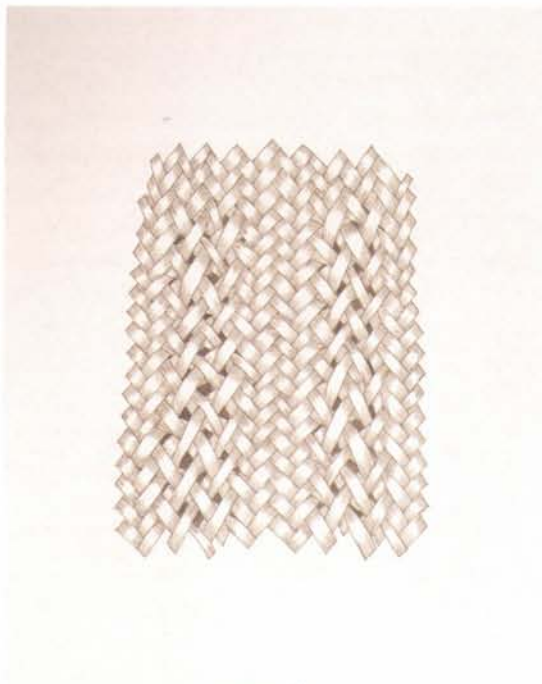


PRANCHAS 68
MOKÀ (68)

FIGURA 47 Desenho com detalhe do trançado (C. Cheng).

nhadjy pry (caminho do veado) e *kanḡānikokô* (espinha de cobra). Segundo os Xikrin, estes detalhes são *kukràdjà* (propriedade, conhecimento e herança) de alguns indivíduos e sua elaboração não é de conhecimento generalizado.

Na coleção há vários exemplares que apresentam estes detalhes, sendo que os informantes os identificaram como pertencentes a dois grandes artesãos Xikrin, ou seja Bep-Kretoi e Bep-Karoti, ambos falecidos. Há dois cestos bolsiformes do tipo *mokà* produzidos por Bep-Kretoi (PRANCHAS 68, 76, 77) que trazem a sua marca no detalhe da trama colocado na parte central do corpo da peça e dois *kajngre* (PRANCHAS 69, 77, 80) produzidos por Bep-Karoti que trazem a sua marca no contorno formal e nos detalhes colocados no corpo da



REARTE= 17E
DETALHE= 1A,

FIGURA 48 Desenho com detalhe do trançado (C. Cheng).

peça. Há ainda, um *mokà* (PRANCHA 81) produzido por ele que traz sua marca nos detalhes colocados nas laterais e na parte frontal do cesto (FIGURAS 46, 47, 48, 49).

Os Xikrin ainda fabricam outros tipos de cestos de curadoria como, por exemplo, o *pêjajê*, o *warabaê* e a *rara*. Destes, apenas o *pêjaja'* é decorado com o motivo em urucum *abu no ôk* e, assim como o *kajngre* é pintado dos dois lados. O *warabaê* é um cesto estojiforme que possui duas partes: *tedjô* ≈ fundo, nádegas e *adjêdjâ* ≈ parte de cima, tampa. Segundo Lux Vidal este cesto foi aprendido dos Karajá. A *rara* é um cesto bolsiforme cuja confecção é semelhante à dos cestos *kânojôk*. A diferença é que ela apresenta um fundo tetrápode, trançado sem emendas e uma alça de envira de



REARTE= 17E
DETALHE= 1A,

FIGURA 49 Desenho com detalhe do trançado (C. Cheng).

embaúba. Quanto às suas partes, os Xikrin destacam o *tedjô* (fundo, nádegas) e a *anhkwa* (boca)¹³.

Como dissemos acima, de todos os cestos de curadoria, é o *kà kumrenx* que apresenta o processo produtivo mais demorado e, segundo os próprios Xikrin, é o cesto de aprendizagem e elaboração mais difíceis. É isso, certamente, que o torna um cesto *kumren*, ou seja, verdadeiro e reconhecido por todos enquanto tal e que, por essa razão, deve ser produzido e usado da maneira correta.

13. Os Karajá têm um cesto bolsiforme semelhante e que possui, inclusive, o mesmo nome (Taveira, 1980). É possível que tanto a *rara* quanto o *pâkôj* tenham sido assimilados pelos Xikrin, juntamente com o *Aruaná* (*bô*), durante o período em que mantiveram um contato mais estreito com esta população.

O contexto social de produção e utilização da cestaria xikrin

Entre os Xikrin, a produção da cestaria é prerrogativa dos homens, no entanto, isso não é algo absoluto, pois as mulheres sabem classificar todos os cestos, bem como as técnicas de trançados. Eventualmente, pode-se observar uma mulher produzindo algum tipo de cesto expediente como, por exemplo, os dos tipos *konóôiaqa* e *pàtkôj*.

Dentre os artefatos trançados, a elaboração da cestaria expediente é de domínio generalizado entre os indivíduos do sexo masculino. A cestaria de curadoria, por outro lado, embora também seja uma prerrogativa masculina, não é elaborada indistintamente por todos os homens. Seu processo de aprendizagem é muito mais longo e levado a cabo a partir de uma série de prerrogativas relacionadas com a organização social e com as representações que os Xikrin possuem a respeito das matérias-primas empregadas na sua elaboração. Assim, ela só pode ser feita pelos indivíduos mais velhos ou por aqueles que passaram por um aprendizado sistemático e foram reconhecidos socialmente como conhecedores do seu processo de manufatura.

No que se refere ao uso, a cestaria é empregada tanto pelos homens como pelas mulheres, conforme suas atividades cotidianas e de acordo com a funcionalidade atribuída a cada um dos tipos de cestos.

Os cestos expedientes, por exemplo, costumam ser utilizados pelos homens para transportar os produtos obtidos nas incursões pela mata. Os do tipo *kâte'y*, *àkràdjuapù* e *pàtkôj* são forrados com a folha de banana-brava (*titidjô*) e empregados para transportar pequenos animais caçados, frutas, sementes, cipós, enviras e a casca da árvore (*bàjprô*) utilizada para fazer o carvão empregado na pintura corporal. Os meninos que também já sabem fazer estes cestos costumam empregá-los, principalmente, na coleta de frutas como o açai e a bacaba. O cesto *kà*

kaqô nhipôn, que é aberto nas extremidades laterais, é feito pelos homens, mas costuma ser empregado pelas mulheres para carregar lenha da roça até a aldeia. Algumas vezes, é utilizado pelos homens para transportar animais caçados, enviras e cipós. Os cestos do tipo *kànojaka* também são utilizados principalmente pelas mulheres para transportar os produtos da roça. Os homens costumam utilizá-los com menor frequência e, principalmente, para transportar castanhas-do-pará. Por serem mais duráveis, também podem ser empregados para armazenar alimentos industrializados.

Quanto aos cestos de curadoria, os homens utilizam os tipos *mokà*, *pêjajê* e *warabaê*. O primeiro é empregado para transportar os objetos utilizados durante incursões pela mata (por exemplo cartuchos, lanternas, anzóis, fósforos, fumo e pequenas facas) e, também, para trazer os produtos coletados (resinas, plantas e folhas medicinais). Este cesto bolsiforme pode ser fabricado tanto para uso pessoal como para ser dado a um *tàbdjwö* (sobrinho/neto), filho ou genro. Os três últimos tipos de cestos são utilizados, na aldeia, para guardar miudezas e ferramentas (sementes, agulhas, ossos, fibras e facas); destes, os do tipo *pêjajê* e *rara* estão praticamente em desuso.

Entre os cestos de curadoria utilizados pelas mulheres estão os do tipo *kajngre* e *kà kumrenx*. O primeiro é utilizado para guardar sementes de algodão, milho e urucum e o segundo para transportar produtos da roça, lenha e demais produtos que elas venham a coletar. Desses dois tipos, o *kà kumrenx* é o mais utilizado e sua confecção e uso definem as prerrogativas das relações sociais entre os indivíduos do sexo masculino e feminino, bem como a ligação das mulheres com a produção dos alimentos cultivados¹⁴. Assim, este cesto sempre de-

14. A relação das mulheres com os produtos cultivados aparece no mito da "mulher estrela", que após ser transformada em ser

verá ser produzido por um homem para ser usado por uma mulher, com a qual ele tenha uma relação de parentesco (esposa, filha, neta ou filha da irmã), nas atividades destinadas à obtenção, transporte e processamento de alimentos oriundos da roça.

Quando um homem ainda não sabe confeccionar este tipo de cesto, pode solicitar que outro o faça incumbindo-se, porém, de coletar para ele a matéria-prima necessária e retribuindo o seu trabalho com algum outro produto. Uma mulher jamais deve solicitar a um homem que não seja seu marido ou *ngêt* (tio materno/avô materno ou paterno) que lhe faça um *kà kumrenx*, pois isso poderia denotar a existência de uma relação entre eles. Reciprocamente, o mesmo vale para o homem, que não pode produzir este tipo de cesto para qualquer mulher. Neste sentido, a mulher sempre deve solicitar a intermediação de uma pessoa do seu grupo de parentesco, caso necessite de um cesto a ser feito por outro homem que não seja seu marido ou *ngêt*. E, no caso de um homem desejar oferecer este cesto a uma determinada mulher, deve fazê-lo, indiretamente, através de uma mulher do seu grupo de parentesco ou, através de um homem do grupo de parentesco daquela a quem se destina o mesmo.

Como se pode ver, no contexto social, a produção e o uso da cestaria revelam aspectos da divisão sexual do trabalho, da especialização artesanal e das relações sociais entre homens e mulheres. Assim, aos homens é destinada a tarefa de fazer os cestos para que estes sejam usados por eles e pelas mulheres. Ao mesmo tempo, os diferentes cestos são utilizados, no cotidiano, de acordo com as respectivas atividades econômicas desempenhadas por cada um dos sexos. Ou seja, os cestos expedientes menos resistentes são empregados pelos homens para

humano “por meio da pintura e ornamentação corporais” (Vidal, 1992:144), traz do céu vários paneiros contendo diferentes tipos de cultivares.

transportar os produtos oriundos de suas atividades de caça e coleta e, os demais, pelas mulheres em suas atividades de coleta e transporte de produtos da roça. Da mesma forma, os homens utilizam o *mokà* em suas incursões na mata e as mulheres empregam os cestos cargueiros para o seu trabalho na roça, ou quando vão coletar os materiais necessários à pintura corporal, como o carvão (*bàjprö*) e os aplicadores de raque de palmeira (*kuaky*).

Os cestos de curadoria, por outro lado, além de expressarem a diferença das atividades econômicas, também enfatizam a especialização artesanal de cada sexo. Os homens guardam instrumentos e matérias-primas – nos cestos *warabaê* – destinados à confecção dos artefatos de caça, cestaria e plumária e as mulheres guardam os produtos da roça e da coleta – no *kajngre* – empregados na elaboração da pintura corporal e dos adornos.

Como se pode observar, a confecção e a utilização da cestaria revelam e enfatizam a natureza das relações existentes entre aquele que a produz e aquela ou aquele que a possui. Ou seja, entre indivíduos que pertencem a um mesmo grupo doméstico e entre *ngêt* e *tàbdjuö*. No entanto, é um artefato de todos não sendo propriedade ou prerrogativa cerimonial (*kukràdjä*) de nenhuma casa específica.

O contexto de ensino-aprendizagem da cestaria entre os Xikrin-Kayapó

Entre os Xikrin, as estratégias de ensino-aprendizagem da manufatura dos itens materiais, incluindo a cestaria, se estabelecem com base na organização social que, conforme já demonstrado (Vidal, 1977), caracteriza-se pela classificação dos indivíduos em termos de sexo e categorias de idade. Ou seja, é este critério classificatório, bem como as relações sociais dele decorrentes, o que define a detenção, transmissão e aprendizagem de conhecimentos.

Os mais velhos são tidos como aqueles que possuem maior conhecimento e isto é traduzido em expressões como “o velho é que sabe”, “o velho é que faz”, “o velho é que tem de fazer, porque ele sabe muito”. Todo o conhecimento, por sua vez, deve ser transmitido – de forma sistemática ou informal – aos mais jovens, segundo as características das relações sociais, seja entre pais e filhos, avós e netos, tios e sobrinhos, indivíduos pertencentes a diferentes categorias de idade ou, ainda, entre companheiros de uma mesma categoria de idade.

Assim, a cestaria expediente é aprendida desde a mais tenra idade pelos meninos, principalmente a partir do momento em que eles ingressam nas categorias *mebôktire* e *mebêngôdjyre*. Durante este período, os meninos gozam de muita liberdade e costumam participar de tudo o que acontece na aldeia. Segundo Vidal (*idem*, 105) desde que passam a integrar a categoria dos *mebôktire*, cabe a eles, principalmente, a execução de pequenos serviços e a transmissão de recados entre os adultos dos diferentes segmentos residenciais:

O papel de pequenos mensageiros, entretanto, permite à criança desenvolver muito cedo um conhecimento da rede de relações sociais em que se encontra inserido. Adquire assim, pouco a pouco, uma ideia exata das obrigações muito complexas de reciprocidade, das circunstâncias em que se realizam, das modalidades, das quantidades a distribuir ou receber, em resumo, dos costumes que regem todo o sistema de relações sociais.

Além de aprenderem na prática as regras do convívio social os meninos também recebem outros tipos de ensinamentos à medida que vão crescendo. Os pais e os *ngêt*, por exemplo, costumam levá-los para a mata a fim ensiná-los sobre a utilização e obtenção dos recursos naturais e a confecção de itens materiais, dentre os quais os cestos expedientes. Estes conhecimentos também podem ser adqui-

ridos através da observação e imitação, pelos mais jovens, de atitudes e procedimentos dos indivíduos mais velhos, pertencentes à sua própria categoria de idade. Nesta etapa, os primeiros cestos cuja confecção é aprendida são os do tipo *pâtkôj* e *kà no ôtyk*. Com o tempo, no entanto, todos os demais cestos expedientes passam a ser de domínio dos indivíduos do sexo masculino. Assim, quando um jovem chega à categoria dos *menôronyre* ele, certamente, já estará dominando a confecção deste tipo de cestaria, sem exceção.

A manufatura da cestaria de curadoria, por outro lado, só será dominada pelos indivíduos do sexo masculino a partir do momento em que eles ingressarem na categoria dos *mekrare* (homens adultos com filhos), sendo aprendida através de um processo de ensino-aprendizagem mais longo e sistemático. De fato, ela é produzida, principalmente, pelos indivíduos mais velhos, na maioria das vezes, pertencentes à categoria dos *mekràmti* ou *mebêngêt*. Há, inclusive, indivíduos considerados como especialistas na elaboração dos diferentes cestos.

Normalmente, a relação instrutor-aprendiz se dá entre indivíduos identificados socialmente pela relação de *ngêt/tàbdjuö*. No entanto, isso não é regra, e indivíduos com relações afins também podem se empenhar em um processo de ensino-aprendizagem.

Entre os Xikrin, há uma grande preocupação na elaboração bem feita dos artefatos, sendo que a *performance* de um aprendiz é observada não apenas pelo seu instrutor, mas por diferentes pessoas que, vez ou outra, transitam pelo local em que está ocorrendo seu treinamento. Às vezes, para evitar comentários pejorativos, um aprendiz pode optar por levar a cabo o seu treinamento na mata ou, dentro de casa, para que ninguém o veja. Após o reconhecimento social de sua habilidade, ele começará, então, a produzir publicamente o respectivo artefato passando, inclusive, a ser mais frequentemente solicitado a fabricá-lo para outras pessoas.

Em realidade, os processos de aprendizagem implicam um permanente olhar, fazer, desfazer e repetir as sequências operatórias de trabalho. Na dinâmica do aprendizado, olhar é a atitude inicial e, só depois, o fazer, até ficar perfeito (*mejx*)¹⁵ e poder ser reproduzido para que todos vejam. Para os Xikrin, um bom artesão é aquele que tem “bom olho” (*no mejx*)¹⁶ e quando se referem a alguém que não sabe fazer ou não entende determinada coisa eles dizem que esta pessoa “não tem olho” (*no kêt*), não sabe (*mari kêt*) ou “é surdo”, isto é, não tem boa compreensão (*amakre kêt*)¹⁷. Ao mesmo tempo, quando alguém diz saber fazer alguma coisa, ele costuma dizer que “sabe, vê, entende” (*ba mari, ba õmunh* ou *ba kuma*)¹⁸. A relação dos órgãos dos sentidos com a apreensão de conhecimentos perpassa também outras esferas de aprendizado além da artesanal como, por exemplo, a dos cantos, dos mitos, dos rituais e das atividades de subsistência.

Pode-se dizer, portanto, que entre os Xikrin a aquisição do saber cultural faz parte do processo de socialização dos indivíduos que, por sua vez, está relacionado ao desenvolvimento da sua corporalidade e à construção da sua identidade social. Conforme salientou Fisher (1996: 22):

Criação da sociabilidade não é um processo linear, completado pela iniciação dos jovens e sua inserção na comunidade adulta. Na verdade, a sociabilidade é recriada em todas as gerações por meio de trocas corporais e pedagógicas entre pessoas de diferentes sociofisiologias.

Assim, a possibilidade de compreender ou de fazer determinada coisa como, por exemplo, executar um canto durante um ritual ou produzir um

cesto, implica, para os Xikrin, que o indivíduo tenha alcançado uma determinada maturidade biológica e reconhecimento social. Ele pode, inclusive, ser desencorajado a produzir determinado objeto caso se considere que ainda não está suficientemente apto para fazê-lo.

Segundo os Xikrin, a manipulação dos mais jovens de determinados tipos de matérias-primas, bem como a manufatura de alguns tipos de artefatos, podem provocar, além de doenças, o envelhecimento prematuro, resultando, por exemplo, na fadiga dos olhos¹⁹ e no embranquecimento dos cabelos. Este é o caso, não apenas dos cestos de curadoria, mas, também, de artefatos como as bordunas (*kô* e *kop*), a esteira de casal (*kupip*), os adornos corporais de concha (*ngâp* e *ngâpb nhêti*) e os grandes cocares (*krokrokítire*) que só podem ser manufaturados por indivíduos que já tenham filhos pertencentes à categoria dos *menõrõnyre*.

Isso significa que um indivíduo, embora possa iniciar bastante cedo – através do olhar e da audição – o seu processo de aprendizagem dos diferentes aspectos da sua cultura deve, por outro lado, aguardar momentos corretos para consolidar e manifestar este aprendizado, ou “saber fazer” (*nhipêjx*) e conhecimento (*mari*). Ou seja, antecipar-se na aquisição de conhecimentos significa, ao mesmo tempo, adiantar-se no processo de desenvolvimento biológico e social e, conseqüentemente, envelhecer precocemente.

Portanto, como se vê, a organização social não apenas está subjacente à estruturação das relações entre instrutor e aprendiz, como também define o acesso a determinados tipos de tecnologias, matérias-primas e conhecimentos. Pode-se dizer, conforme sugere Fisher (*idem*, 1) que existe uma

15. *Mejx* = bonito, bom. Ver Gordon neste volume.

16. *No* = olho, *mejx* = bom.

17. *No* = olho, *kêt* = não, negativa; *mari* = saber, entender, ouvir; *amak* = ouvido, *kre* = buraco.

18. *Ba* = eu, *mari* = saber, entender (sci), *õmunh* = ver, *kuma* = ouvir.

19. Os Xikrin, inclusive, costumam dizer que quando um homem está muito velho para manufaturar com perfeição um determinado artefato ele possui *no punure* (onde *punure* = ruim), em contraposição àqueles que têm *no mejx*.

“indissolúvel ligação entre atividade humana individual e coletiva e a centralidade da criação socialmente coordenada das capacidades corporais”.

Assim, cada sexo e categoria de idade têm suas prerrogativas de saber técnico e manipula com determinados tipos de recursos. Em termos de tecnologias, pode-se dizer que os indivíduos mais jovens têm acesso, principalmente, às expedientes, sendo que as tecnologias de curadoria, cujo processo de aprendizagem é mais prolongado, são restritas aos homens maduros, estando relacionadas às suas propriedades corporais e posição social.

Cosmologia, noção de pessoa e produção da cultura material entre os Xikrin

Como tem sido demonstrado por diferentes autores, a pessoa Xikrin constitui-se a partir de um corpo que vai sendo gradativamente transformado e socializado (Vidal, 1977, 1992b; Giannini, 1991, 1991b; Fisher, 1996). Este corpo, conforme salientou Giannini (1991), é composto de elementos internos (materiais e imateriais) e externos, a partir dos quais é definido, ao longo do ciclo de vida do indivíduo, o seu estado físico. Além disso, ele está relacionado aos diferentes domínios cósmicos e esta inter-relação constitui-se, também, em um dos aspectos da construção da pessoa. Neste sentido, ele aparece como “instrumento, atividade, que articula significações sociais e cosmológicas” (Seeger *et al.*, 1979).

Esta reflexão, por sua vez, permite compreender, sob outro prisma, as prerrogativas e interdições levadas a cabo pelos Xikrin na utilização que estes fazem das matérias-primas para a produção dos itens materiais. Segundo Giannini (*op. cit.*), os Xikrin concebem o universo dividido em diferentes domínios – terra, mundo subterrâneo, mundo aquático, céu –, cada um deles com características e atributos distintos, habitado por seres diferentes e que atuam de maneira diferenciada.

No domínio da terra estão a floresta e a clareira. A floresta é vista como a moradia dos animais, das plantas e do *Ákrãre*, entidade sobrenatural, dono de ambos e controlador da ação dos homens neste meio. É o domínio da caça, espaço da masculinidade e das relações agressivas e competitivas, é o lugar onde fica a aldeia dos mortos e onde vivem os grupos inimigos. A atuação, neste domínio, deve ser regrada, pois a apropriação indevida de seus recursos pode provocar a ira de *Ákrãre* que, através de seu feitiço torna-se maléfico para os homens, causando doenças, epidemias, gerando distúrbios na natureza e levando os homens à morte.

Da floresta, também, são oriundos elementos relacionados à sociabilidade xikrin. Segundo Giannini (1994:149), foi “neste domínio que, no tempo das origens, os índios se apoderaram do fogo e da linguagem cerimonial”. Ao mesmo tempo, é dele que provém parte dos nomes cerimoniais e é onde se realizam alguns dos rituais xikrin de iniciação e nomeação.

A clareira, por sua vez, é o domínio da sociedade, sendo o lugar onde se localiza a aldeia e onde vivem os verdadeiros humanos. Está relacionada com as espécies domesticadas e com as plantas cultivadas, ambas identificadas com as mulheres. Diferentemente dos produtos da floresta, “os produtos da roça são alimentos que não causam doenças; são os alimentos consumidos nos resguardos por doenças, homicídios ou períodos de transição” (Giannini, 1991, 82). É neste domínio que se neutraliza a agressividade gerada pela predação animal e é onde se estabelecem as diferentes relações sociais e a construção social da pessoa.

No domínio aquático, vivem os peixes que, assim como os animais terrestres, possuem um dono controlador. Seu nome é *Mryka'ák* que, diferentemente de *Ákrãre*, é aliado dos xamãs, pois ensinou aos humanos, segundo os relatos míticos, a cura das doenças, através do uso de plantas medicinais.

Este domínio é ligado à ideia de fortalecimento, pois é constituído de um elemento, a água, que no simbolismo e na mitologia xikrin é uma substância que faz os indivíduos desenvolverem-se e transformarem-se²⁰. Do mundo aquático provém também parte dos nomes cerimoniais.

No domínio subterrâneo vivem os homens canibais e nele não existe caça, peixes ou aves. Ele está relacionado com o sangue e a exacerbação da dimensão antissocial.

E, finalmente, no domínio do céu estão as aves e a morada do gavião-real (*Ákti*) com quem os xamãs têm sua iniciação. As aves foram criadas pelos heróis míticos assim como os *nêkrêjx*, as riquezas xikrin, ou seja, os artefatos constituídos de penas e que são herdados pelos indivíduos de geração em geração. Este domínio é visto como o lugar por excelência da humanidade, a partir do qual os humanos podem ser iniciados e se tornar sobre-humanos e estabelecer relações com os diferentes domínios.

É a interligação dos domínios, que tem no centro os próprios Xikrin, que permite a construção de sua sociedade (Giannini, 1994:151).

Esta interligação é evidenciada, segundo a autora, através de diferentes aspectos como, por exemplo, a nomenclatura, os tabus alimentares, as práticas de escarificação, a ornamentação ritual, os cantos de caça, bem como, a partir das noções de contágio, resguardo e doença.

Segundo Giannini (1991, *idem*:155), a noção de contágio está relacionada “com certas regras e ações sociais e a etnoclassificação da natureza”. Ao mesmo tempo, ela envolve tanto aspectos po-

sitivos como negativos. No primeiro caso, trata-se da transmissão de substâncias desejáveis através de um ato proposital. E, no segundo, trata-se do contato com substâncias nocivas a partir da transgressão de determinadas regras sociais relacionadas, por exemplo, com as diferentes categorias de idade, classificação dos alimentos ou estados de liminaridade. O contato positivo ou negativo pode dar-se através de diferentes substâncias, como o sangue, a saliva, o sêmen, a urina, as fezes, a lágrima, a fumaça e os odores. Estas, por sua vez, podem penetrar no corpo através do olfato, do tato ou pela sua ingestão (*idem*, 156).

Como exemplo de transmissão de substâncias positivas pode-se citar a utilização do *a'inh* (tipoia do recém-nascido) feita com a palha de buriti que, para os Xikrin, possibilita à criança um crescimento rápido e forte, ficando a mesma alta e esguia como a própria palmeira. O uso de qualquer outro tipo de palha poderia causar uma irritação nos olhos do recém-nascido ou o seu enfraquecimento.

O contato de um indivíduo com substâncias nocivas pode atingir inclusive todo o seu grupo de parentes consanguíneos. É por esta razão, por exemplo, que os pais devem evitar o consumo de determinadas carnes de animais e a manipulação de determinadas plantas e materiais, na medida em que isso pode prejudicar os filhos que ainda estejam em processo de formação ou se encontrem acometidos de alguma enfermidade.

Na produção dos itens materiais, as noções de contágio se fazem presentes o tempo todo. As interdições relativas à confecção de artefatos como as bordunas, colares de concha e o cesto *kà kumrenx*, por exemplo, são justificadas pelos Xikrin, pelo fato de que as matérias-primas empregadas para a elaboração destes artefatos são muito duras e podem causar o enfraquecimento dos indivíduos que as manipulam. Assim, como já foi dito anteriormente, apenas os indivíduos pertencentes

20. Na coleta feita por Vidal (1977:224) dos mitos relacionados aos heróis míticos *Kukryt-kakô* e *Kukryt-uire* pode-se verificar, em uma das sequências, a relação da água com a ideia de fortalecimento e transformação, quando os mesmos após passarem por um período de imersão transformam-se em gigantes.

à categoria dos *mekràmti* e *mebêngê*t são aptos a confeccionar estes objetos, pois já são suficientemente fortes (*töjx*).

No entanto, quando um indivíduo mais jovem mostra interesse em aprender e levar a cabo a fabricação de um objeto como este, além de ser acompanhado por um artesão mais velho, deve procurar sentar-se ou manter os pés apoiados sobre uma pedra ou pedaço de madeira dura a fim de se proteger contra os malefícios destes materiais²¹. Além disso, pode encontrar uma solução alternativa como, por exemplo, utilizar-se de uma matéria-prima diferente daquela considerada como sendo a verdadeira (*kumrenx*) para a produção do respectivo artefato. Em várias ocasiões, eu pude observar a utilização de chapas de metal para confeccionar o *ngâp* em substituição às conchas. Este era chamado então de *ngâp kajgo* ou *ka'âk*, no sentido que não se tratava de um *ngâp kumrenx*, ou seja, verdadeiro. Na confecção do cesto *kâ kumrenx* acontece o mesmo, ou seja, o cesto de tucum manipulado durante o processo de aprendizagem pelo aprendiz é, também, identificado como um cesto *ka'âk* (equivalente não exato, substituto) ou *kajgo* (falso, fajuto).

Ao relacionarmos estas regras relativas à manipulação de matérias-primas com o que foi anteriormente discutido sobre a questão da corporalidade xikrin, o que fica evidente é a preocupação desta sociedade com a manutenção do estado físico do corpo, na medida em que este é um índice fundamental “[d]os elementos sociais da pessoa” (Giannini, 1991:142). Assim, é importante que os indivíduos evitem tanto a ingestão de determinados alimentos, como a manipulação de certas matérias-primas e a realização de determinadas tarefas na medida em

que isso pode alterar de forma prejudicial o estado físico do corpo. Em outras palavras, o que se afirma é que se o corpo está ligado aos diferentes domínios cósmicos, é de se esperar que a manipulação dos elementos constitutivos destes diferentes domínios seja regrada e controlada, a fim de não prejudicar a integridade deste corpo. Para os Xikrin, a manipulação indevida dos recursos oriundos dos diferentes domínios pode gerar doenças ou até mesmo causar perturbações cósmicas.

Pode-se dizer, para seguir a afirmação de Verswijver (1992a:21), que os Kayapó e, neste caso, também os Xikrin, insistem na “transformação do natural em social”. É isto, no meu entender, que os leva a uma contínua reintrodução simbólica da natureza na sociedade e da sociedade na natureza, seja através dos cantos para os espíritos da caça, dos tabus alimentares, dos nomes cerimoniais, dos ornamentos rituais, da pintura corporal, da socialização dos locais de obtenção de recursos ou da ação regrada e intermediada na utilização destes recursos para a produção dos itens materiais.

O que foi dito sobre a corporalidade e cosmologia xikrin nos permite compreender a relação existente entre a aquisição, por parte do indivíduo, do conhecimento necessário para produzir determinados itens materiais – como no caso da cestaria – e a sua própria “construção” enquanto pessoa. Como ficou demonstrado, o acesso ao conhecimento está relacionado, por um lado, à posição social do indivíduo, através do seu pertencimento às diferentes categorias de idade e, por outro, à possibilidade de manipulação das diferentes matérias-primas oriundas da natureza. Ou, em outras palavras, da inter-relação do indivíduo com os elementos oriundos dos diferentes domínios cósmicos.

Assim, a produção da cestaria pode ser entendida, entre os Xikrin, como uma atividade que define regras de comportamento, reforça os diferentes papéis sociais e se insere nas representações sobre

21. Este procedimento é semelhante àquele levado a cabo pelos guerreiros nos resguardos relativos à morte dos inimigos, ao se posicionarem sobre uma pedra a fim de serem escarificados e purificados do sangue da vítima (Giannini, 1991a:149).

como o ambiente natural deve ou não ser utilizado. O acesso a este saber é mediado pelos velhos artesãos que dominam este conhecimento, pois já passaram pelas diferentes etapas de aprendizagem e estão agora em posição de ensinar aos mais jo-

vens. Neste sentido, produzir cestos é, também, um meio pelo qual os Xikrin transmitem de geração a geração o conhecimento e a tradição cultural e, a partir disso reafirmam, a cada momento, a sua identidade.





























